



## A FOTOPERFORMANCE COMO MEDIADORA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CONTEMPORANEIDADE

### *THE PHOTO PERFORMANCE AS A MEDIATOR OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN CONTEMPORANEITY*

Rogger da Silva Bandeira<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Não

Cláudia Mariza Mattos Brandão<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Sim

#### RESUMO

O artigo versa sobre o uso da fotoperformance como estratégia pedagógica na arte-educação, a partir da metodologia da A/r/tografia (Irwin, 2013; Dias, 2010), que vê os papéis de artista, professor e pesquisador de forma integrada. Apoiado em experiências como *A sombra de tudo* (2021) e *Corpo Fronteiriço* (2024), o estudo indica como o corpo em ação e a imagem fotográfica podem promover processos de ensino críticos e sensíveis. Dialogando com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010), quando a prática valoriza a mediação cultural. A performance é compreendida como linguagem híbrida que articula corpo, tempo e espaço (Medeiros, 2007), provocando reflexões sobre identidades e territórios. Conclui-se que a fotoperformance, enquanto prática simbólica e estética (Furlanetto, 2015), contribui para uma formação transversal e reflexiva em arte.

**Palavras-Chave:** Arte educação. A/R/Tografia. Fotoperformance. Corpo. Processo criativo.

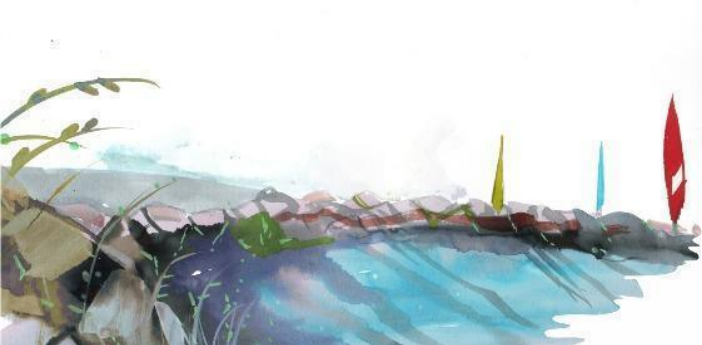
#### ABSTRACT

*The article discusses the use of photoperformance as a pedagogical strategy in art education, based on the methodology of A/r/tography (Irwin, 2013; Dias, 2010), which views the roles of artist, teacher, and researcher in an integrated way. Supported by experiences such as *The Shadow of Everything* (2021) and *Border Body* (2024), the study indicates how the body in*

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPel, na linha de pesquisa "Educação em Artes e Processos de Formação Estética". Mestre em Artes Visuais (PPGArtes/UFPel), Bacharel em Artes Visuais (UFPel) e Licenciando em Artes Visuais (UFPel). É bolsista PIB-MD e Pesquisador do Photographein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). <https://lattes.cnpq.br/1355595202736191>

<sup>2</sup> Artista/Professora/Pesquisadora, atua no curso Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação (UFPel, 2012), com pós-doutorado em Criação Artística Contemporânea (UA, PT, 2019), é líder fundadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).  
<https://lattes.cnpq.br/4898554772122279> <https://orcid.org/0000-0002-2161-4779>



*action and the photographic image can promote critical and sensitive teaching processes. Dialoguing with Ana Mae Barbosa's triangular approach (2010), when practice values cultural mediation. Performance is understood as a hybrid language that articulates body, time, and space (Medeiros, 2007), provoking reflections on identities and territories. It is concluded that photoperformance, as a symbolic and aesthetic practice (Furlanetto, 2015), contributes to a transversal and reflective training in art.*

**KEYWORDS:** Art education. A/R/Tography. Photo performance. Body. Creative process.

A fotoperformance surge como uma linguagem artística contemporânea que integra corpo, imagem e ação, se colocando como potência mediadora nas práticas pedagógicas em arte. Esse registro da performance é pensado diretamente para o enquadramento da fotografia, sendo assim, a fotoperformance se configura como uma fusão entre o ato fotográfico e a performance que pensa, ao final do processo criativo, nesta imagem que a câmera produz e documenta. Este tipo de produção começou a ganhar espaço nos anos 60 e 70 com artistas da arte conceitual e da body art, como Cindy Sherman e Ana Mendieta, estes artistas começaram a utilizar a fotografia para criar criativamente a partir do real, alterando o uso mais comum dessa ferramenta, que estava focado no registro da realidade.

Estes trabalhos, de certa forma, se afastam do objeto e nos aproximam da experiência, estabelecem um campo ampliado para o diálogo entre criação e reflexão crítica, permitindo que artistas/educadores explorem diferentes formas de expressão e de ensino por meio da interação entre a efemeridade do corpo e a permanência da imagem. Segundo Maria Beatriz de Medeiros, que foi performer e professora na Universidade de Brasília (UnB), a performance é uma linguagem híbrida que articula corpo, espaço e tempo, promovendo experiências estéticas que transgridem fronteiras disciplinares (Medeiros, 2007). No contexto educacional, a fotoperformance possibilita a ampliação das práticas pedagógicas ao provocar reflexões sobre identidades, territorialidades e subjetividades. Ao articular a prática artística com processos educativos, abre-se um espaço para a experimentação e a construção de saberes sensíveis, rompendo com métodos tradicionais de ensino e estimulando a autonomia criativa dos estudantes. Essa perspectiva se alinha com os estudos de Ana Mae



Barbosa (2010), que defende a integração entre criação artística e prática pedagógica na mediação cultural do ensino das artes. A compreensão da performance como linguagem artística também se apoia nas reflexões presentes em *Arte em Pesquisa: Especificidades* (Dias, 2010), que destaca a performance como meio de investigação e expressão crítica, o que se torna fundamental para práticas educativas que valorizam e utilizam o corpo como agente de conhecimento. Complementando essa abordagem, Philippe Dubois (2012), em *O Ato Fotográfico*, contribui com uma análise da fotografia como ato e linguagem, enfatizando seu papel na construção de sentidos e na mediação de experiências visuais, o que faz da fotoperformance uma possível ferramenta pedagógica ainda pouco explorada.

Na pedagogia crítica, Freire propõe a reflexão como um momento essencial na ação educativa. A ideia de "*práxis*", que une ação e reflexão, inclui a pausa como espaço de consciência e transformação. Para ele, o pensar crítico exige tempo e escuta do mundo, neste sentido, busco através de minha pesquisa potencializar este olhar crítico propondo pausas reflexivas frente ao tempo vertiginoso em que vivemos.

A experiência com obras como: *A sombra de tudo* (2021) e a performance *Corpo Fronteiriço* (2024) apontam para a fotoperformance como um potente recurso investigativo de autoformação nos espaços educativos. Essas experiências trazem em potencial a prática performática e o seu registro fotográfico como um recurso metodológico que integra vivências pessoais e coletivas, levando em consideração diferentes contextos.

O termo fotoperformance deriva de um conceito híbrido que resulta da fusão entre performance artística e fotografia, sendo um recurso muito utilizado nas artes visuais contemporâneas. Pode ser definido como uma prática artística que pensa a ação performática do corpo com o registro fotográfico, neste caso, a fotografia não é vista apenas como um documento da performance, mas parte integrante do processo criativo, da poética e da obra em si.

Este artigo tem como objetivo discutir o papel da fotoperformance como recurso pedagógico na formação estética e educativa, fundamentando-se nas experiências do



doutorando como artista performer e em referenciais teóricos / artísticos relevantes para pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes, nível Doutorado, da Universidade Federal de Pelotas que está focada na mediação pedagógica do corpo e da fotografia no ensino da arte contemporânea, como recursos estimuladores de experiências estéticas coletivas. Para isso, são analisadas práticas artísticas, abordagens metodológicas e conceitos que sustentam a interseção entre arte, corpo, fotografia e educação. A ideia da investigação, já iniciada, busca estabelecer vínculos entre as práticas processuais de criação do pesquisador e o ensino da arte, permeando as imagens, os corpos e a ação performática como possibilidade híbrida de linguagem e pensamento crítico.

O desdobramento do trabalho *A sombra de tudo* desenvolvido durante o 1º Unifica (CA/UFPeI), em 2023, revelou a fotoperformance como mediadora de experiências. A performance, anteriormente apresentada na revista Peteleco nº7 do PET das artes visuais - UFPEL, foi adaptada para uma oficina aberta aos acadêmicos (Figura 1), realizada na rua Conde de Porto Alegre, no Porto de Pelotas (RS). Nessa atividade, os participantes foram convidados a interagir com o espaço urbano ao desenharem as sombras projetadas pelos corpos e pela vegetação da via pública na arquitetura. O processo evidenciou a importância da interação entre corpo, espaço e tempo na construção de uma experiência coletiva.



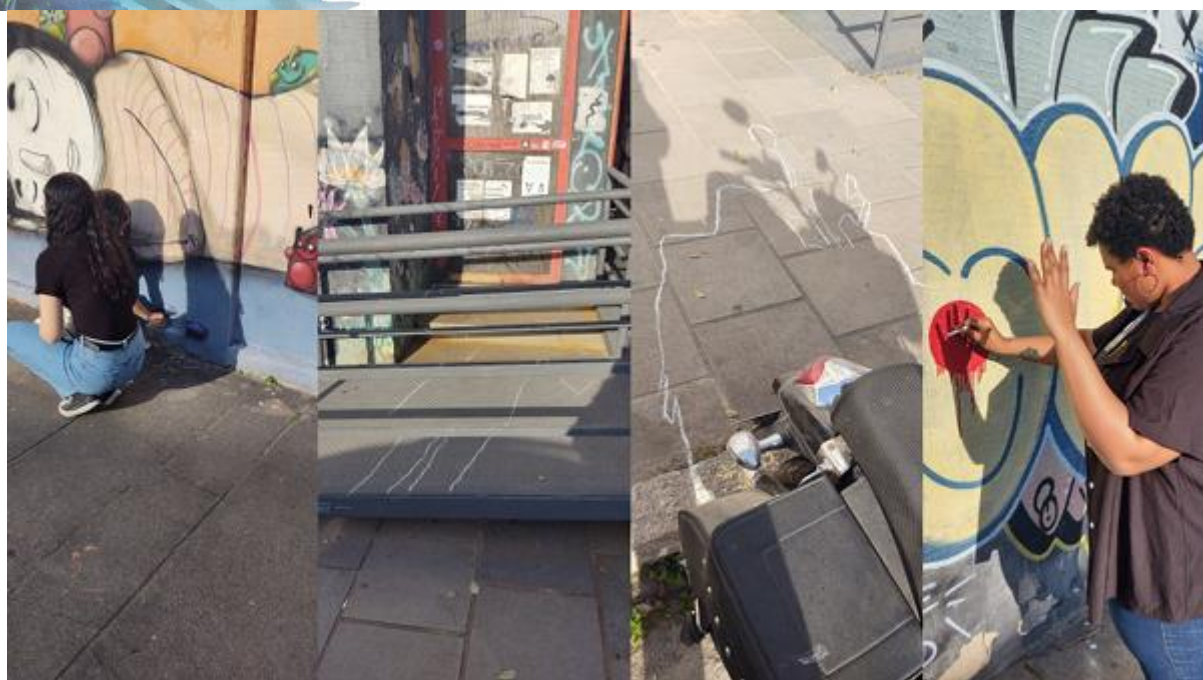


Figura 1: Registro do trabalho *A Sombra de tudo* em forma de oficina, 2023.

A escolha do ambiente urbano como espaço de criação reforçou o caráter inclusivo e experimental da proposta, permitindo que os estudantes vivenciassem novas percepções sobre o entorno e sobre seus próprios corpos. A atividade proporcionou uma imersão sensível nas relações entre o corpo e cidade, enriquecendo a experiência e a percepção estética do entorno. Quando o corpo assume o protagonismo nas produções artísticas, principalmente em propostas coletivas, a noção de corpo é diluída, fluindo novas combinações conceituais e do imaginário acerca desse corpo transitivo que está em ação.

A prática desenvolvida possibilitou observar o quanto a fotoperformance permite que o corpo, enquanto elemento central da criação, estabelece diálogos ativos e sensíveis com o contexto, oportunizando sempre renovadas apreensões daquilo que nos rodeia. Por sua vez, a fotografia não apenas captura a imagem, mas também representa um ato que evidencia a presença e a experiência do corpo no mundo, assim o corpo performático se inscreve no ambiente através da imagem (Dubois, 2012). Nesse sentido, a performance *Corpo Fronteiriço* (Figura 2), apresentada no SPMAV (UFPel, 2024) expandiu o entendimento das questões apresentadas até aqui, visto que ela



explorou os limites entre o corpo e o espaço social, destacando como a presença física se integra e ressignifica o ambiente.



Figura 2: Registro do trabalho *Corpo Fronteiriço*, 2024. Foto: Pedro Tavares.

Nesta performance, o corpo está acondicionado pelo vestuário de malha branca, ela contém um capuz frontal que oculta a identidade do performer, assumindo para este corpo uma nova configuração perante o espaço onde o trabalho foi apresentado.

A fotoperformance, enquanto linguagem artística híbrida que entrelaça elementos da fotografia e da performance, possibilita a exploração de questões identitárias, corporais e simbólicas, permitindo ao educador e ao educando vivenciarem experiências sensíveis e reflexivas. A partir desse entendimento, a fotoperformance pode ser compreendida como um dispositivo que ativa a "educação dos sentidos" (Rubem Alves, 1991) e o repertório dos estudantes, ao provocar o olhar atento e a escuta sensível, elementos essenciais na formação de uma percepção crítica sobre o mundo.



Nos processos formativos em arte/educação, a integração da fotoperformance promove a construção de saberes que transpassam o campo técnico, alcançando dimensões subjetivas e poéticas. Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha (2001), a sensibilidade humana é moldada por símbolos que emergem entre o visível e o invisível, articulando-se de forma simbólica e sensível. Essa perspectiva mostra a importância de práticas artísticas que estimulem a percepção e a interpretação das múltiplas camadas da realidade, como ocorre na fotoperformance, onde o corpo em ação e a imagem capturada instauram novas possibilidades de significação a partir do imaginário. A articulação entre a prática artística e o processo educacional se dá por meio de vivências estéticas que integram o fazer artístico e a reflexão crítica.

A fotoperformance, nesse contexto, torna-se um campo fértil para a exploração de subjetividades e narrativas pessoais, proporcionando aos participantes uma experiência de autoconhecimento e de expressão criativa. Esse processo contribui para a formação de educadores mais sensíveis e abertos a novas tecnologias e metodologias, capazes de valorizar a diversidade de expressões artísticas e culturais presentes na arte contemporânea e logo, também nos ambientes de ensino.

Como parte da metodologia, ela promove também reflexões sobre o corpo como território, assim a prática artística não se limita à produção de obras, mas se configura como um processo contínuo de construção de saberes e de sentidos, vivenciados também no processo de criação. Ao considerar a formação estética como um processo que envolve tanto a percepção quanto a interpretação do mundo sensível, a fotoperformance ganha força por sua capacidade de provocar deslocamentos de percepção e de expandir as fronteiras do conhecimento. Rubem Alves (1991) ressalta que educar é "mostrar a beleza do mundo", e nesse sentido, a fotoperformance atua como um meio de revelar e ressignificar experiências cotidianas, ampliando o repertório sensível e simbólico. Essa prática promove uma conexão profunda entre o sujeito e o mundo, potencializando a compreensão estética e crítica acerca do entorno.

O corpo ocupa um lugar central nas artes visuais contemporâneas, funcionando não apenas como tema, mas também como suporte ativo de criação e pensamento crítico.





Fundamental desde a segunda metade do século XX, com o surgimento de movimentos como a performance, o corpo começou a ser percebido como um recurso de experimentação estética, rompendo com paradigmas tradicionais das artes visuais que privilegiavam suportes como tela e escultura.

Em obras de artistas brasileiros como Lygia Clark e Hélio Oiticica, o corpo transcende sua função estática para se tornar um agente participativo na construção da obra, explorando sensações, movimentos e interações com o público. Assim, as fronteiras entre sujeito e objeto se entrelaçam, o que permite uma relação mais interativa com o espectador. Especialmente no contexto da experiência estética, da performance e da pedagogia crítica. Rancière propõe uma visão em que o corpo do espectador (ou do aprendiz) não é passivo, mas ativo, sensível e pensante:

Não se trata de opor à passividade do espectador a atividade do agente, mas de compreender que ver, ouvir, estar presente, são também formas de ação que se enredam num tecido de relações. [...] Cada espectador é já um ator da sua própria história, cada um carrega dentro de si o saber e a ignorância, a linguagem e a tradução. [...] O corpo do espectador pensa tanto quanto age. Ele seleciona, compara, interpreta. Ele liga o que vê ao que viu, ao que foi dito, ao que foi sentido. Ele compõe seu próprio poema com os elementos do poema que lhe é oferecido. (Ranciere, 2012, p. 20-21).

Tal perspectiva ecoa nas práticas do grupo Fluxus, que investiga a relação entre corpo e espaço urbano, utilizando performances para propor reflexões sobre temas como identidade, deslocamento e pertencimento, convidando o público a fazer parte da experiência. No Brasil, a abordagem do corpo como suporte ativo ganha força em propostas que dialogam com questões sociais e políticas. Artistas como Anna Maria Maiolino, Adriana Varejão e Tunga incorporaram, em suas produções, reflexões complexas sobre o papel do corpo na construção da subjetividade e na crítica às estruturas de poder. Essa visão é especialmente evidente nas performances do grupo Fluxus, que explora a potencialidade do corpo em situações limítrofes, como intervenções urbanas e ações em espaços não convencionais, propondo um diálogo entre o indivíduo e o coletivo fora dos grandes centros das artes. A prática desses artistas nos mostra o entendimento de que o corpo não é apenas suporte, mas um meio de articulação de novas formas de pensamento, que desafiam normas e





expectativas sociais, sendo levado em propostas coletivas por mim, como meio de experimentação e entendimento da arte contemporânea.

Entendemos que tal abordagem amplia as possibilidades críticas das artes visuais, inserindo-as em debates sobre política, gênero, meio ambiente e outras questões contemporâneas. Assim, o corpo torna-se mais do que uma presença física, afirmando-se como potente mediador ativo para a criação de narrativas que desestabilizam discursos hegemônicos, promovendo outras formas de reflexão estética.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DIAS, Belidson. Arte em pesquisa: especificidades. In: MACHADO, Maria das Graças de Moraes; BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte e educação: possibilidades de pesquisa interdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 111–127.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FURLANETTO, Regina. *Fotoperformance: uma poética da imagem de si*. Curitiba: Appris, 2015.

IRWIN, Rita L. *A/r/tografia: uma forma de pesquisa viva*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). *A/r/tografia: renderizar e inquirir o ensino e a aprendizagem da arte*. Santa Maria: EdUFSM, 2013. p. 25–44.

MEDEIROS, Maria Beatriz. *Performance e suas linguagens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Boitempo, 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O visível e o invisível: um estudo sobre sensibilidade e educação estética*. Porto Alegre: Mediação, 2001.